

## Destaque

## Voo e morte

Autor: José Cardoso Pires  
Obra: «Alexandra Alpha»  
Editora: Dom Quixote

## Luís Figueiredo Tomé

Conforme já nos habituou, mais uma vez, José Cardoso Pires parte de uma circunstância vivida para analisar a realidade sociocultural deste país.

Porém, desta vez, introduz na sua obra uma nova matriz: a analogia mítica. Utiliza-a como factor de expressão de uma ruptura social e psicológica subjacentes ao processo histórico do homem enquanto indivíduo que vive em grupo. Assim, recorrendo à carga simbólica do mito de Ícaro, inicia o romance da seguinte forma: «O anjo sobrevoou a cidade (...).

Era louco e de asas vermelhas e tinha um belo rosto triangular (...) cada vez mais veloz, a aparição alada despenhou-se das alturas celestiais, batida pelo Sol louco do meio-dia (...) (p. 9). Em seguida caracteriza a situação, desfazendo a imagem: «Alguém assassinado em pleno voo perante uma cidade de milhares de habitantes, mas porquê, e por que poderes, e vindo donde, de que mundos senhores» (p. 11). É nesta dicotomia entre o real e algumas imagens advindas do nosso imaginário colectivo que se situa o coração da estratégia dialéctica da estrutura analítica deste novo romance de José Cardoso Pires. «Alexandra Alpha» é o seu título, a acção decorre entre o início dos anos sessenta e meados dos anos setenta, inicialmente no Brasil e depois em Portugal.

Romance de uma extraordinária crueza e frieza analítica, em que o autor nos proporciona uma viagem (um voo) pela memória dos circuitos dos anos sessenta e de uma certa resistência portuguesa ao fascismo e à guerra colonial, para depois nos estilhaçar no confronto com a realidade, que, afinal, a mudança do 25 de Abril acabaria por conduzir. «E logo a seguir a Polícia, logo a seguir viera a Pide e apreendera o *brevet* de piloto ao pobre Miguel, que é como quem diz, cortou-lhe as asas» (p. 29).

«Viva o 25 de Abril! Grita-lhe o muro, com todas as letras. Mas o bêbado, casaco caído no chão, cara triste, inconformado, estava-se nas tintas» (p. 400).

É um livro muito bem arquitectado, onde os parâmetros ideológicos do salazarismo (Deus, Pátria, Autoridade), o vínculo contestatário de uma geração de 60 (marcada e traumatizada pelo Maio de 68 em França), a luta de classes e meios (rural/urbano), o choque de gerações (Beto/Alexandra), o 25 de Abril e a ansiedade do tempo vindouro, se nos desenrolam numa desmontagem crítica do processo de aculturação e socialização do nosso processo histórico. Ainda assim, para além dos factores eminentemente socio-históricos, Cardoso Pires consegue ir mais longe, pois que neles (é brilhante o modo como o faz) integra personagens, que embora existam e algumas tenham existido, são de um convencimento absoluto. Tanto no que respeita à sua inclusão social como construção psicológica.

No entanto qualquer um dos personagens é apenas pretexto para, através de uma grande carga humana, demonstrar a mordacidade do meio, e até que ponto os modos de representação podem ir.

Em que medida o sonho e a mudança estão associados

aos voos dos nossos desejos e pensamentos? Será só isso?

São estas as grandes questões que este importante romance nos remete, utilizando um fio condutor em que o voo nos desvenda a acção da mudança, conjugada ao risco do trágico da morte. Daí que o fim nos apareça entalado entre dois tempos: o do velho e o do novo. A resposta a esta fatalidade está na riqueza libertadora da memória. Neste sentido, o autor cria uma imagem aterradora de verdade e perturbação: «Num jardim de crianças vê-se sempre uma velha sentada num banco, de boca aberta para o céu. Certo e fatal. Uma velha voltada para o Sol e com uma dentadura postiza na mão» (p. 20).

Este cruzamento, algo dialéctico, entre dois extremos opostos como força motriz de criação (velho/novo) estende-se, de certa forma, ao universo de Alexandra Alpha. A ser mãe (arranjada, mas mãe) do Beto. Uma falsa mãe solteira. Depois de Waldir ser abatido em pleno voo de asa delta e despedaçar-se nos rochedos da beira-mar brasileira, à laia do Ícaro, o espaço do seu filho caía no vazio. «Mãe na cadeia, pai no caixão, quem paga a conta da ama?» (p. 14).

Na sequência da estratégia já apontada, a resposta surge em breve. «Alexandra voou com ele por cima do oceano no sentido contrário ao Sol» (pág. 16). Era o regresso a Portugal.

Portugal, país mergulhado na guerra, no isolamento e nas fossas da igreja. Característi-

cas próprias de um respirar ditatorial. Alexandra Alpha será o meio utilizado pelo autor para que nos possamos imbuir do país que somos e fomos.

Sobretudo na alusão ao ultramar, com a guerra e o fim da consciência existencial dos nossos homens. Os mesmos homens que fizeram o 25 de Abril. «A essa hora Alexandra estava deitada na guerra de um homem que recordava mortes vividas (...). Dentro de três ou quatro anos, seria a vez do Beto, a idade do morticídio. Depois, quando voltasse, e se voltasse, chegaria terrivelmente morto por dentro como homem, que recordava, naquela cama, batalhas de matadores inocentes (...)» (p. 335).

Este tédio da morte espalha-se inclusive pelo reino da sexualidade e afectividade, que Cardoso Pires muito bem demonstra que, afinal, não é uma zona de domínio absoluto do indivíduo. Iguamente aqui advertências sociais do momento, podem imperar e dominar, assistindo-se assim a uma inconstância afectiva advinda do contexto vivido. «Esse homem que acolá andava e ia para a guerra dentro de poucos dias. É provável que Alexandra tenha feito amor com ele por essa razão, por ser um amante a prazo com data marcada» (p. 223).

Um outro aspecto que é importante salientar é que, para além da análise da realidade portuguesa, aliás como é costume nos livros de Cardoso Pires, em «Alexandra Alpha» não só há a feliz introdução de uma matriz mítica, como tam-

bém o assumir pela primeira vez, na obra do autor, uma carga metafórica e poética de uma forma directa e descomplexada, que, no todo, fazem deste trabalho o seu romance mais conseguido.

Um dos personagens do romance é o poeta Ruy Belo, que José Cardoso Pires introduz como elemento revelador da razão imprisonável do sonho. Esse voo, esse motivo, para a mudança, por vezes para o fim, para a partida com a morte. Também ela campo para introspecção e fertilização nossa. Interior. Do aparente nada/vazio surge a criatividade. «Há aviões às vezes que levantam ideias, aviões que voam», disse o poeta Ruy Belo (...) «aviões aos quais as aves devem o voo» (p. 429).

Depois desta alusão, Alexandra Alpha e sua amiga (mana) Maria entram num aparelho e voam rumo à morte. Um assassino colocara uma bomba relógio na avioneta. Chegara o fim.

Apesar de neste romance os personagens estarem bem caracterizados, estes são personagens colectivos. Pois que a edificação do trabalho não se define na sua força individual, mas na interacção e relação de suas forças no colectivo. É também da coerência e fascinação da geração de 50/60, que ilustram aqui o voo e a morte, que se demonstra que a escrita de José Cardoso Pires não é inocente. É uma literatura que contém sempre, assinalado no fundo de si, um desafio às nossas raízes e à nossa identidade cultural.